

DE POSTO 1940

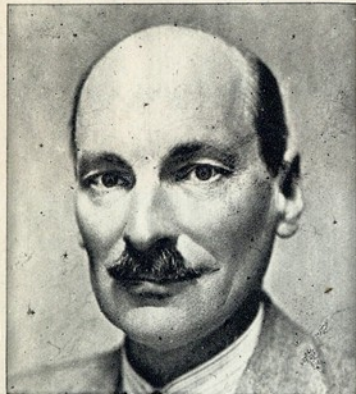
MUNDO GRÁFICO



Uns  
olhos luminosos  
como o céu  
de Portugal,  
num cântico  
de mocidade



# Hello, Franklin D.!



O MAJOR ATLEE

Franklin Delane Roosevelt é o homem da actualidade. Franklin D. — como é conhecido numa célebre canção americana — é a figura n.º 1 dos nossos dias.

Discutido em todos os quatro cantos do mundo, a sua personalidade torna-se cada vez mais inconfundível. Ninguém é mais discutido do que o homem do eterno sorriso, que vai dizendo as coisas mais duras sem perder aquele geito amável de botar as mãos no rebordo da mesa e circunvagiar e olhar pelos circunstantes.

Foi prodigiosa a sua actividade no plano da política internacional durante o período dramático que antecedeu a guerra. Campeão da Democracia, acredita na "Vox Populi", e faz o possível para transformá-la na "Vox Dei.". Reduz a actividade à mesma nota fundamental: nenhuma paz durável poderá ser concluída sem a colaboração americana. E, procurando afastar os seus concidadãos de critérios excessivamente materialistas, recorda-lhes que seria deminuir as suas posições e confinarem-se numa estreita política mercantilista — porque a América não pode viver próspera e feliz no interior de uma muralha de isolamento, quando o resto da Humanidade se desmorona na mais espantosa das calamidades.

Quando, em 1933, Roosevelt entrou na Casa Branca, os Estados Unidos afundavam-se desesperadamente. Estava iminentemente uma subversão social, pois o problema económico havia atingido enorme acuidade, agravado pela atitude dos países europeus que se recusavam a pagar mais um dólar das dívidas de guerra. E Roosevelt, com o seu sorriso estereotipado que encobre a tristeza de uma doença incurável, teve de realizar toda uma revolução económica, social e financeira num país de 117 milhões de habitantes — onde a liberdade individual não foi abolida e onde o mais humilde dos cidadãos pode criticar e julgar os actos dos governantes. Agora, os seus olhos voltam-se para a Europa proclamando que a Inglaterra deve ser auxiliada pela mais poderosa indústria do mundo: a dos Estados Unidos.

Sobre panorama do mundo passeia o sorriso de Roosevelt. Parece que o estamos a ver naquele filme de actualidades, com uma rosa na mão, a sorrir impassível entre as nuvens de tempestade que ameaçam o mundo.

Hello, Franklin D.!

Augusto Fraga

## Juventude



A juventude portuguesa transformou-se por completo. Já não se vê como antigamente o menino bem, pretencioso, enfezado, mesmo raquítico, que coçava as esquinas do Chiado, à sombra dos haveres duma velha tia rica, ou esbanjava as tristes migalhas dum morgadio arruinado. Este ser inútil desapareceu, regenerado pelo trabalho, por uma intensa educação física e por um exaltado amor das coisas portuguesas que, durante tanto tempo e, quantas vezes falsamente, se desprestigiaram.

O ambiente é outro — viril e salutar, numa Europa onde ressoam clarins. O ar como que parece mais vivo, e o sol mais luminoso. Nos campos desportivos, nas florestas, nos rios, a juventude portuguesa constroem músculos para o dia de amanhã. Um sangue novo gira-lhe nas veias, erguendo bem alto os lábaros das suas formações.

## Vencer o tempo

A-pesar-de tudo, Londres não deixa de trabalhar. Os operários das munições, os empregados dos escritórios da "City", as batas cor de rosa do Selfridge, as dactilógrafas, doirados Fragonards de beleza, numa palavra, tudo quanto na gigantesca metrópole é vida, actividade, braço, pulsação ou espírito, cumpre pontualmente as suas obrigações, mesmo quando passado grande parte da noite nos abrigos. Os habitantes fazem uma questão de orgulho em trabalhar o mais possível de maneira a recuperar o tempo perdido.

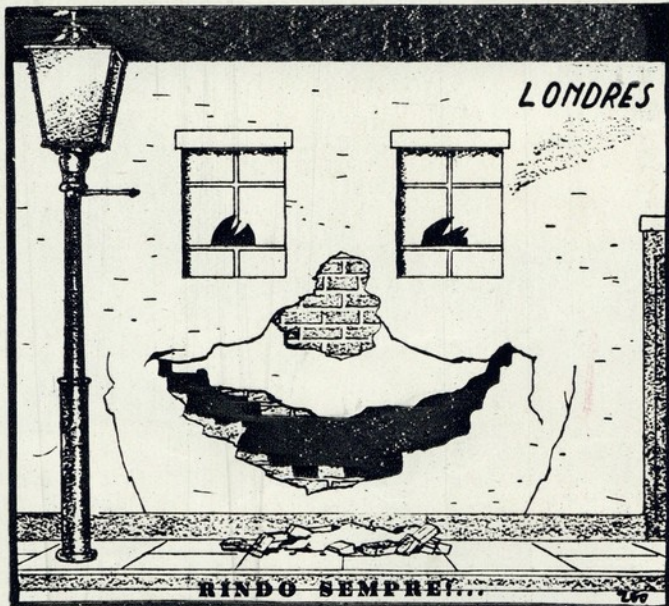
Nunca a velha frase «time is money» foi tão verdadeira.

## Pátria Eterna



A Grécia volta a conhecer os horrores da guerra, a invasão. A palavra do seu rei tem a grandeza duma legenda de Péricles. São pequenos os povos que não sabem afrontar o destino, vencendo-o na sua dureza. A velha Hélada que, nos últimos anos, disfrutara um largo período de acalmia e de prosperidade, vê agora essa obra comprometida por um acto a que a sua política foi inteiramente alheia.

No entanto, o amor que lhe votam os seus filhos é o que há de imortal na sua história permanecem intactos, tal qual a Acrópole, que mesmo em ruínas, ergue ainda as suas colunas, testemunhando uma das mais belas conquistas do espírito, da cultura e da arte e da civilização — do homem mediterrâneo.



R.

## MUNDO GRÁFICO

REVISTA QUINZENAL

Director: ARTUR PORTELA  
Editor: ROCHA RAMOS

Propriedade de «Mundo Gráfico», L.<sup>a</sup>

Redacção e Administração: Rua de S. Nicolau, 119-3.º / Lisboa / Telefone 25240

Composição e impressão: Neogravura, Ld.<sup>a</sup>, Travessa da Oliveira à Estrela, 4 e 6

COMPOSIÇÃO GRÁFICA DE ROMEU MARQUES CARDOSO





ESTA MÃO VALE CEM CONTOS

# OS DIAMANTES NA GUERRA

Os grandes lapidadores de Anvers e Amsterdão, alguns dos quais de origem portuguesa, estão trabalhando activamente na Inglaterra

Pouca gente conhecerá — e muito menos as senhoras — a insubstituível utilidade dos diamantes na indústria metalúrgica. A preciosa pedra, em cujas faces a luz se reflecte maravilhosamente decomposta como um raio de sol que atravessa um prisma e se projecta na alva superfície dum mármore raro, essa joia diabólica que consome milhões para satisfazer um capricho duma mulher bonita, é um elemento imprescindível na indústria da guerra moderna. O emprêgo de aços duríssimos nas munições, nos maquinismos, nas armas automáticas ligeiras e pesadas, nas peças de artilheria de pequeno e grande calibre, nos motores dos aviões e dos “blindados” require, para o seu perfeito acabamento e ajustamento, material ainda mais duro que possa

desbastá-los e torneá-los com o vigor exigido pela técnica. O mais duro elemento químico conhecido é o diamante. Os pistões de liga especial dos motores de aviação são torneados, polidos e calibrados com diamantes; o torneamento rigoroso empregado no fabrico de artilheria pesada e o corte de precisão necessário no delicado mecanismo dos “foguetes de tempos”, dos obuses obteem-se com auxilio da preciosa pedra.

Antes da catástrofe que, actualmente, espalha o luto e a dôr pela Europa, o comércio de diamantes pertencia, quasi exclusivamente à Grã-Bretanha, se bem que o trabalho de corte e lapidação fôsse monopólio da Holanda. Eram, com efeito, as companhias británicas que, directa ou indirectamente, ti-

nam o “controle”, das importantes minas de diamantes da África do Sul e da Índia. Mas, eram os lapidadores de Amsterdão que, há séculos, trabalhavam as pedras em bruto, transformando-as em joias de rara beleza.

Um dos episódios mais interessantes desta guerra foi a transferência de toda a indústria de diamantes, através do Mar do Norte, da Holanda para a Inglaterra, sob a perseguição desesperada do inimigo. Foi uma verdadeira corrida de que os ingleses e holandeses saíram vencedores, deixando aos alemães, nas docas de Anvers, apenas algumas caixas com ferramentas.

Foi uma personalidade muito conhecida em Birmingham, a cidade principal dos Midlands que, com o concurso do Governo,



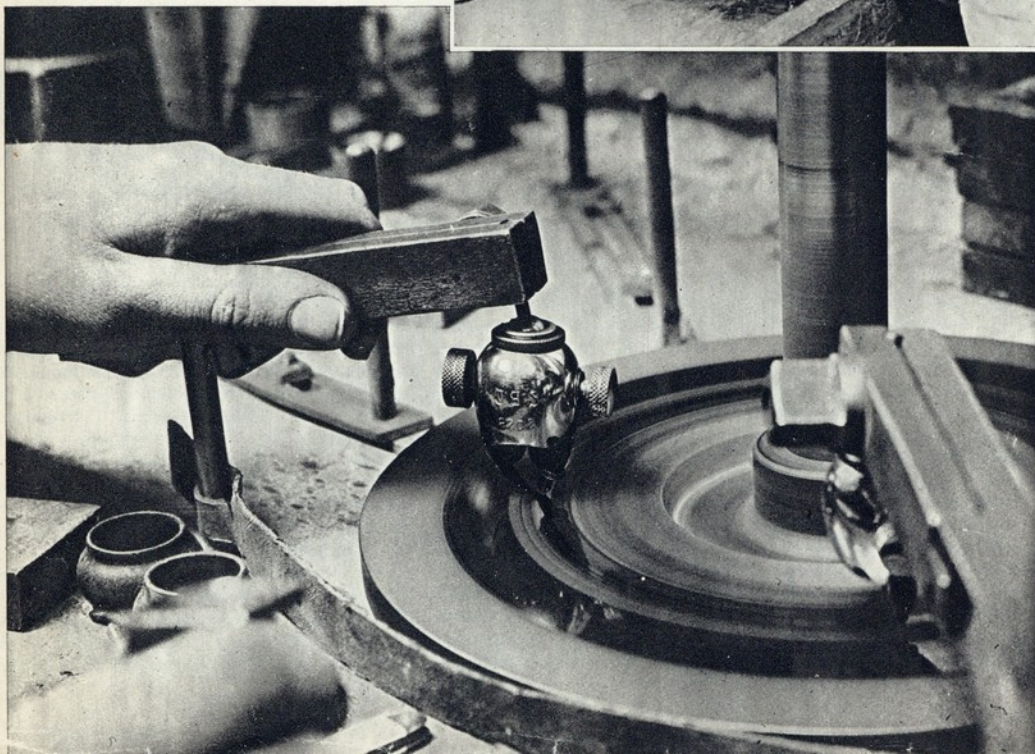
organizou e levou a porto de salvação a preciosa indústria. Tendo compreendido a iminência da invasão da Holanda, deslocou-se ali de avião e entrou em negociações com os dirigentes da indústria holandesa de diamantes, persuadindo-os a prepararem-se para abandonar o país. Desenvolveu tal actividade que, no momento em que a invasão se efectuava, já atravessara dezoito vezes, pelo ar, o Mar do Norte.

Se o Reich tivesse podido obter semelhante indústria, ter-se-ia apoderado de dezenas de milhar de libras esterlinas de diamantes em bruto, além de poder utilizar o trabalho de numerosos operários especializados e técnicos holandeses — inestimável auxílio para a sua indústria de guerra.

Em consequência do rápido avanço alemão, foi impossível transportar para Inglaterra todos os complicados instrumentos. Uma parte foi abandonada no cais de Anvers, quando a cidade foi ocupada. Entre os mecanismos perdidos, havia uma serra de precisão, com a espessura de duas centésimas de milímetro, que trabalha a cinco mil rotações por minuto. A sua construção, em bronze fosfórico, constituía uma fórmula secreta. Apesar-de tudo, ainda foi possível levar para a Grã-Bretanha um pequeno fragmento que os homens de ciência dos laboratórios de pesquisas da Universidade de Birmingham e de Londres já analisaram, descobrindo a sua natureza e composição química. E, além disto, os engenheiros e desenhadores britânicos, aos quais foram dadas apenas simples fotografias de algumas máquinas de lapidação, conseguiram reconstituí-las integralmente.

A Grã-Bretanha tem, pois, ao seu alcance, graças a um golpe magistral, uma das mais preciosas indústrias auxiliares da produção constante e sempre crescente de todo o material de guerra.

*Christopher Congreve*



Um lapidador prepara-se para pulir um diamante protegido por uma camada de chumbo e de zinco

Um esmerilador rotativo de grande velocidade transforma as preciosas pedras em joias de rara beleza



# A ROYAL AIR FORCE

«Para um conjunto aeronáutico perfeito, não deve haver a preocupação de fazer bons aviadores, mas velhos aviadores».

*Michel Detroyat*

Nunca aquela afirmação de Michel Detroyat teve tanta oportunidade. O grande acrobata francês, que a aplicou aos aviadores duma maneira geral, deu-nos um excelente princípio adaptável ao caso particular da formação de pilotos de guerra. À primeira vista imperceptível, todavia, há uma diferença bem nítida entre "bom," aviador e "velho," aviador. Quere dizer: o "bom," aviador nem sempre chega a velho, mas o "velho," aviador é, regra geral, um bom aviador.

O bom piloto civil, comercial ou de guerra é aquêle que manifestou habilidade durante o curso e domina facilmente os segredos da máquina que conduz. O "velho," piloto é diferente. Possui todas as qualidades do outro, aliadas a uma psicologia especial. Como no artista, a habilidade manual pura e simples e o completo domínio de técnica são insuficientes. Há que possuir um conjunto de factores imponderáveis que escapam à análise mais subtil. Não interessa o aeronauta que conduz bem; interessa o aeronauta que *sabe* conduzir bem. O *saber* conduzir implica um conjunto de faculdades que completam a habilidade particular da intuição aeronáutica e do perfeito sentido do ar.

O piloto de guerra deve, mais do que qualquer outro, ter a preocupação de ser um "velho," aviador. A consciência absoluta do valor do homem e da máquina deve dominá-lo, porque não pode ignorar a importância que os desgastes materiais e humanos têm para o inimigo. Deve ser audaz, energético e de raciocínio imediato em todas as circunstâncias. Mas, audácia não implica imprudência, como energia não subentende temeridade.

A categoria de uma organização aeronáutica conhece-se, essencialmente, pela qualidade do pessoal que a serve. Se o valor aerodinâmico e militar da máquina tem extraordinária importância, o rendimento útil que dela sabem tirar tem ainda maior. Que importa um sistema mecânico perfeito, quando se torna praticamente inútil em contacto com insuficiências humanas?

O vôo transmite ao homem um estado de embriaguês característico que aumenta incomparavelmente no combate. Por isso, as forças aéreas, abaladas durante um conflito decorrem, muitas vezes, a homens demasiadamente jovens para servi-las. Nesses, a embriaguês do vôo e da luta atinge foros de loucura, tanto mais que à sua preparação como aviadores preside a urgência dos momentos críticos. Entre estes há, certamente, bons aviadores, mas raras vezes "velhos," aviadores, atiram-se cegamente para o adversário... para serem derrubados ao primeiro golpe.

O "Royal Air Force," é o exemplo mais característico de uma organização aeronáutica



O Rei Jorge VI, chefe supremo das Forças Aéreas, terrestres e navais

«Quando o povo britânico souber verdadeiramente o que deve aos seus aviadores, ajoelhará emocionado ao vê-los passar».

*Duff Cooper*

perfeita. Não é possível falar do seu extraordinário poderio aéreo. Em circunstâncias como a presente, o segredo é uma arma de poder excepcional. E, para Gran-Bretanha, não conta que o Mundo saiba de quantos aviões dispõe, mas que o mundo observe — e principalmente o adversário — do que a incógnita numérica das suas forças aéreas é capaz. Aliás, esta é uma bem conhecida faceta da personalidade inglesa. Quando, por exemplo, em 1938, três "Vickers Wellesley," de bombardeamento voaram sem escala da Inglaterra à Austrália, estabelecendo o máximo mundial da distância, os ingleses não fizeram alarde do acontecimento. Sorriam intimamente — com aquêle característico sorriso britânico — e limitaram-se a verificar que a "Royal Air Force," dispunha de bombardeiros que podiam percorrer todo o Império sem necessidade de aterragem e reabastecimento em território alheio.

Hoje, a Gran-Bretanha colhe os melhores frutos dessa extraordinária proeza e, com maioria de razão, não se entrega a alardes inúteis quanto ao seu poderio aeronáutico.

Um pormenor, todavia, ela não nos pode ocultar, porque resulta da análise directa da acção do seu Exército do Ar, desde o início da guerra: o valor dos seus pilotos e a excelência da sua preparação. De facto, os chefes do Exército do Ar inglês preocupam-se não em fazer "bons," aviadores, mas "velhos," aviadores. Para isso, a formação de uma "élite," de pilotos de guerra "completos," começou há muitos anos. Em 1935, a "Royal Air Force," dispunha de 31.000 homens no serviço regular e 14.740 reservistas. Cinco anos depois — aquêles números aumentaram, respectivamente, para 150.000 e 104.000.

O piloto britânico tem todas as qualidades do aviador de grande classe. Além dos cuidados que envolvem a sua preparação, o próprio temperamento que o caracteriza influe excepcionalmente na maneira como actua dentro da máquina que lhe confiam. O aviador inglês tem, mais do que qualquer outro, a consciência segura do seu valor perante o inimigo e para a nação. Não o preocupa abater o adversário por qualquer preço, mas derrubá-lo ou cumprir a missão que lhe destinam sem ser atingido.

O vôo e a luta não o embriagam. É, por excelência, o guerreiro frio, metódico e inteligente. Bate-se encarniçadamente, luta até que mais uma vitória illustre a sua fôlha de serviços, mas não é o homem integrado mecanicamente na aeronave — é o cérebro que a comanda.

O aviador inglês — cérebro e coração da "Royal Air Force," — é o intelectual da guerra.

Redondo Júnior





*Não há apenas sol no jardim, mas nos olhos das criancinhas*



*Entardecer. As sombras alongam-se sob os seus passos*



*Lê o jornal. No seu tempo não era assim...*



*É um velho piloto dos brigues da Terra Nova. O que não lhe recorda o seu cachimbo queimado I...*

## O JARDIM DOS REFORMADOS

Neste fim de tarde piegas e outonal, escorre uma pegajosa tristeza das árvores martirizadas e despidas. E, talvez que "isto," seja poesia. No velho jardim debruço-me sobre o gradeamento e, a meus pés, espreguiça-se o Tejo, numa actividade febril. A "draga," passa pesadona, rasgando na esteira de um grande paquete americano. Homens das obras do porto e marítimos das docas passam e tornam a passar numa ânsia de não perderem um minuto. Todo este trabalho laborioso e bendito, tôda esta actividade santamente honesta, desmente a morbidez melancólica, a preconcebida tristeza, que eu trazia engatilhada, neste fim de tarde outonal e piegas. Olho em redor e procuro documentar o frio desalento que me tolhe e dar razão ao despeito poético, vagamente romântico, tépido como uma balada de 1830. Agulhas de sol, dum sol que não cria nem queima, doce e loiro como um pagem da Renascença vestido de azul claro, trespassam os largos das folhagens. Sento-me. Espero. As ruas do jardim movimentam-se. Um garoto com a cara incrivelmente suja cavalga um

banco próximo. O guarda solícito vem pedir-lhe compostura. O garoto refila e chama-lhe, do largo, um nome feio.

Um homem de cachimbo contempla um velho pescador em pedra. É do ofício. Tem a voz rouca e pastosa, curtida de aguardente e de pragas. Traz na alma lendárias experiências de aventura e no corpo sinais de trabalhos forçados na luta dura da vida. Percorreu mares. Lutou com a braveza das ondas. Perdeu noites. Testemunhou o amor à mulher e aos filhos no degredo da Groenlândia, em mares gelados com a morte rente aos olhos... Ganhou a batalha da vida... Nem êle sabe para quê... Hoje tem recordações e mãos calosas... e êste sol de outono, doce e loiro como um pagem da Renascença, vestido de azul claro...

Noutros jardins há poucas crianças. O dia é de trabalho. Mas há mais velhos... Um pequeno funcionário, um homem que envelheceu a fazer requerimentos. "Ilustríssimo e Excelentíssimo Senhor,"... "Deus guarde a V. Ex.ª,"... "Comunico-lhe que,"... Tem o ar espantado de quem não



sabe se já viveu ou se ainda vive. Como é possível envelhecer agarrado a uma pena, num trabalho tão leve?...

Talvez que o jornal diga alguma coisa... Desdobra-o vagarosamente... Guerra... Mais guerra... Um mundo em lutas... E a maldita da sciática sem concerto... Ageitou-se no banco. Procurou que o sol lhe aquecesse a perna estendida e anquilosada... "Ontem, à noite, quando o sr. José da Costa,"... não tem interesse... "Churchill declarou,"... "A Europa passará angustiosos dias,"... Dobra o jornal... Mas, agora, a sua cara ganha expressão e ternura... Três garotas aproximam-se. Uma adianta-se... E' a Fernandinha. O velhote quasi encosta o jornal ao nariz da petiza... E ela... custosamente soletra D... I... A... Emperrou... Ri-se. O velho completa. Mete a mão no bolso e tira rebuçados.

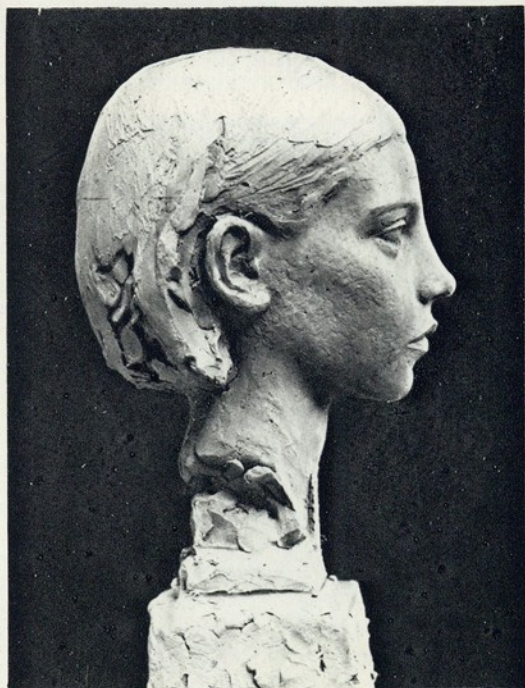
Noutro banco, com a desenvoltura de um garoto que fugiu à aula, um asilado chupa um cigarrito. Tosse muito. Puderá! Se o tabaco "é agora tão forte!... No tempo dele, quando tinha vinte anos e namoriscava a Júlia, fumava um maço e nem dava um espirro! E' que o tabaco agora é outro! Tem "química," Dou-lhe razão. Também aqui neste banco senta-se um jornalista. Tem oitenta anos. A casa é de renda antiga. O "meúdo," que é um filho dèle com cinquenta e muitos, ajuda. O velho é feliz. Confunde as datas. Já não sabe bem como foi o caso da Madalena.

A tarde morre. A batalha da vida ha muito terminou para aquêles homens. Começou outra. A das recordações e do Esquecimento.

Fernando Calisto



Uma expressão de espiritual virilidade do poeta revolucionário Marco Botsaris herói da Independência grega, modelada pela escultora Nina Embiricos



Uma graciosa cabeça de criança portuguesa, límpida de graça e de inocência, da notável artista helénica

## UMA ESCULTORA GREGA EM PORTUGAL

**E**STEVE entre nós há pouco, de passagem para a América, uma grande escultora grega, que não quis deixar-nos sem uma simpática recordação, modelando uma pequena série de figurinhas com tipos de Lisboa, especialmente de varinas, verdadeiras tanagras de graciosos movimentos e caracter.

Conhecida nos meios artísticos de Londres e de Paris, o seu nome fôra consagrado quando nesta última cidade a escolheram para fazer parte, ao lado de Despiau, dos juris de escolha da escultura grega moderna, que figurasse na Exposição de 1937. Chamava-se Nina Embiricos.

Entre as obras mais notáveis da sua galeria, destaca-se o busto do grande poeta revolucionário Marco Botsaris, herói da Independência da Grécia, que aqui publicamos, ao lado dum outro busto de criança, que a artista executou em Lisboa.

Quão delicado e doce de formas era este último, o do trabalhador helénico foi construído com virilidade e audácias de expressão, autêntica interpretação duma enérgica raça, que na máscara dum poeta se traduziu com invulgar masculinidade e altiva atitude. Porque, além de tudo consideramos estas duas esculturas como obras de sério valor, numa homenagem sincera à arte de Nina Embiricos, homenageamos igualmente a sua Pátria imortal, sempre grande e livre através das idades de duros ou de tormentosos triunfos.

DIOGO DE MAGEDO



# GUERRA!



Os bombardeiros ingleses estão em permanente actividade. Visores ópticos rigorosos e observadores especializados são a garantia do êxito dos constantes bombardeamentos. Eis o efeito duma dessas acções aéreas



A artilharia de grosso calibre inglesa defende todo o litoral. As suas pupilas fixam implacavelmente o oceano prontas a fazer fogo à menor tentativa do inimigo



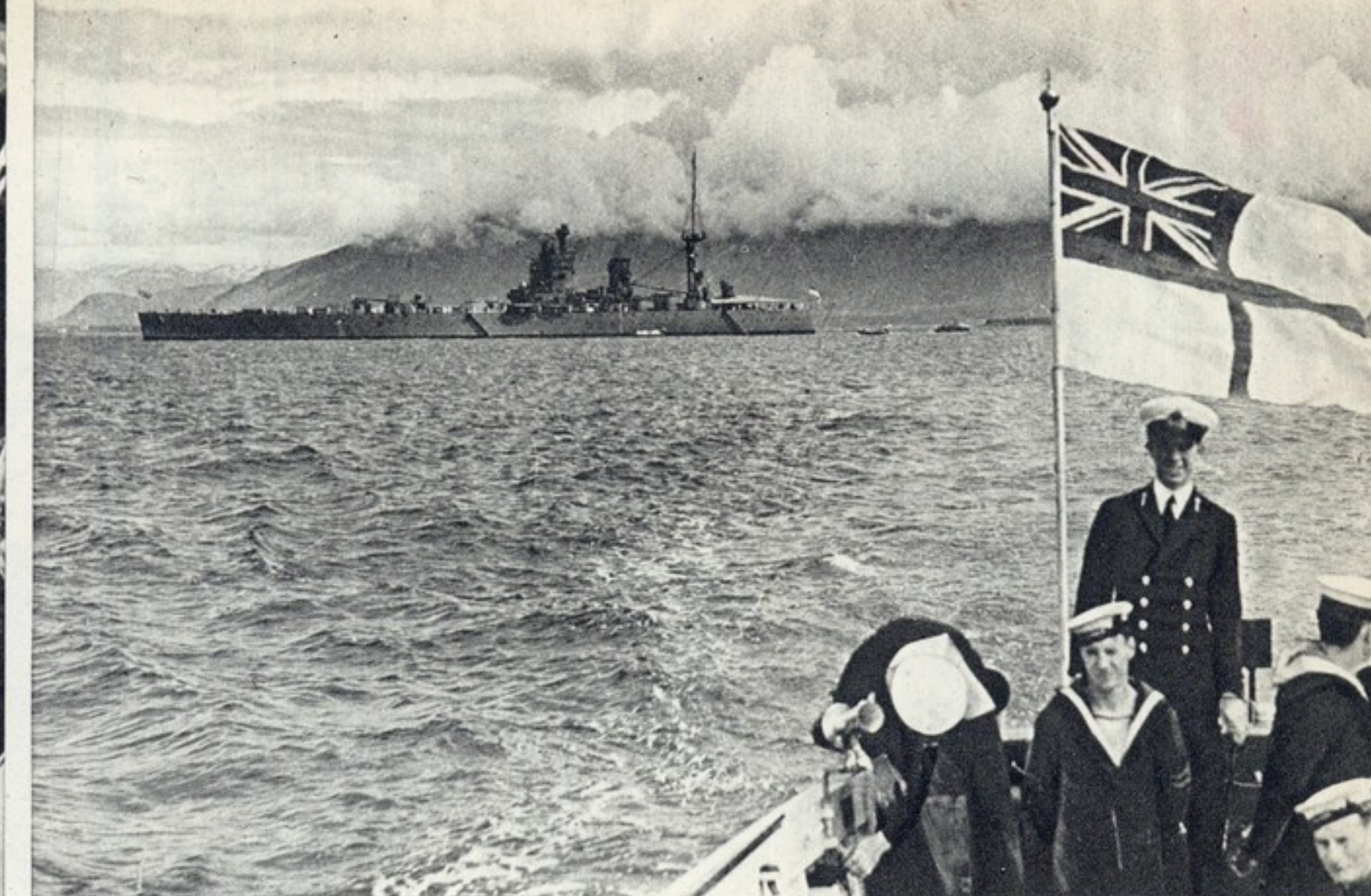
O observador de um avião britânico de grande bombardeamento, deitado no fundo do aparelho, observa atentamente os objectivos. Na mão direita, o contacto que abre o alojamento das bombas.



Um bombardeamento da R. A. F. Uma rua de Berlim com o pavimento esventrado



A guerra em África. Uma legião arabe da Transjordânia sai do forte avançando em pleno deserto



A "Home Fleet", percorre constantemente os mares. A tóda a roda da Inglaterra, os navios, numa ronda contínua, esperam o inimigo. Eis o "Rodney", que regressa dum cruzeiro longínquo



Na Alexandria, nó vital da defesa do Egipto, a esquadra britânica e a Royal Air Force vigiam a estrada marítima da India. Uma esquadra de cruzadores sai o pôrto



A Infantaria inglesa mantém-se em permanentes exercícios. Uma companhia avança rapidamente, protegida pelo fumo lançado dos carros de assalto, que abrem caminho



# Lisboa,

## 5 horas



Este cachimbo tanto pode ser uma distração como uma preocupação. Um artista? Um amador de fenómenos da rua? Nada disso. Apenas uma chávena de café, que se bebe, lentamente, enquanto o tempo passa



Romance sem palavras



A hora doirada do chá. Qual o segredo desta mulher, em cujo rosto perpassa a sombra de uma asa de infinita melancolia? Caem as últimas fôlhas do Outono e talvez as derradeiras ilusões da vida!



Um crepúsculo lilaz envolve, voluptuosamente, a cidade. Cintilam como jóias as primeiras montras iluminadas. Chiado abaixo, este "casaco de peles", elegante e sumptuoso anuncia, friorentamente, sua magestade o Inverno



# O ROMANTISMO DE GARRETT

SE é verdade que nada fecunda tanto um espirito moço como a terra estranha, nunca esse choque da sensibilidade inata com um meio diferente foi tão fecundo como no caso de Garrett. Pode dizer-se, de facto, que o grande poeta romântico era ainda um clássico ao embarcar em Lisboa, no «Duque de Kent II», no dia 9 de Junho de 1823, mas o diário que escreve durante a viagem é já o grito patético de quem escuta e aumenta as próprias dores. Só dezassete dias de-

pois de ter partido do Tejo, Garrett pôde exclaimar diante de Falmouth: «Terra! terra!» acrescentando logo: «Terra, mas terra estranha, terra de desterro e de exílio». Foi breve e superficial esse primeiro contacto de Garrett com a terra de exílio, que pouco mais lhe revelou que a sua face, durante o trajecto, em mala-posta, de Falmouth até Londres. Pelo caminho foi admirando a paisagem: os campos, muito verdes, e os «cottage» que se viam da estrada e lhe falavam de bem-estar e tranqüila felicidade. Londres, imensa metrópole, deixa sucumbida a sua alma lírica. Esmaga-o de tal maneira a cidade gigantesca que não encontra uma palavra para exprimir, no diário, as suas impressões. Um mês depois de ter chegado a Falmouth, embarca de novo, em Gravesend, de regresso a Portugal, mas a política expulsa-o da pátria três dias depois de a ela ter voltado, e de novo o «Duque de Kent II» o transporta à «terra estrangeira», que lhe foi «asilio e segurança». A ela se dirige já como a uma terra amiga: «Tu serás a minha pátria». E de facto, a Inglaterra foi, para o proscrito, uma segunda pátria.

Em Edgbaston, a três milhas da cidade de Birmingham, na casa da família Hadley, Garrett e a mulher encontram um lar, elles que são estrangeiros! Um simples conhecimento com Augusto Hadley, durante a sua primeira e tão breve estadia na Inglaterra, foi sufficiente para que ao exilado se abrisse, franca e generosamente, um «home» acolhedor no Warwickshire. O velho Tomás Hadley, seu filho Augusto e as irmãs, embora sem as expansões portuguesas, rodeiam-no, e à frívola mulher, de todo o carinho, Garrett adapta-se logo aos hábitos britânicos, saboreando o ambiente confortável e o bom-gosto sóbrio da mobília das paredes claras, das cortinas alegres. Apprecia a boa ordem das refeições, a comida succulenta e saudável, o ar de fartura que há

em todas as coisas. Conhece o encanto da conversação calma à hora do chá, e aprende o gosto da vida íntima nas tardes de nevoeiro ou durante os serões, ao canto do lume.

Durante essas noites familiares, de leal e franca intimidade, pratica o inglês com as reparigas da casa, falando com elas de Shakespeare, cujo génio só então verdadeiramente descobre, na mesma região que o viu nascer. Descobre, também, os romances históricos de Walter Scott, os versos de Byron, as baladas populares e a poesia das ruínas, que foi uma das fontes da emoção romântica. Fez essa última descoberta num passeio ao castelo de Dudley, «severa reliquia do antigo feudalismo», em cuja «barbacan ruinoso» ficou longos momentos sentado, envolto na capa negra:

*A conversar co's as pedras solitárias,  
E a preguntar às obras da mão do homem  
Pelo homem que as ergueu...*



O divino Garrett

Quantas coisas nasceram desse contacto do poeta português com o solo e o espirito da Inglaterra! A architectura gótica despertou nele o gosto pela Idade-Média, que foi uma das inspirações do Romantismo e lhe ditou o poema *D. Branca*, o drama *O Alfageme de Santarém*, o romance *O Arco de Sant'Ans*. O conhecimento dos cantos populares da Inglaterra e da Escócia fê-lo recordar as xécaras e rimances ouvidos na infância duriense, as lendas e tradições poéticas do povo português. E dessa sugestão britânica nasceu, praticamente, o *Romanceiro*, que salvou uma das expressões do nosso génio nacional. Tal a fecunda messe dos seis meses passados na «bençoada e tranqüila pousada de Edgbaston,

não os mais satisfeitos, mas os mais socegados, e por ventura os mais felizes» meses da sua vida.

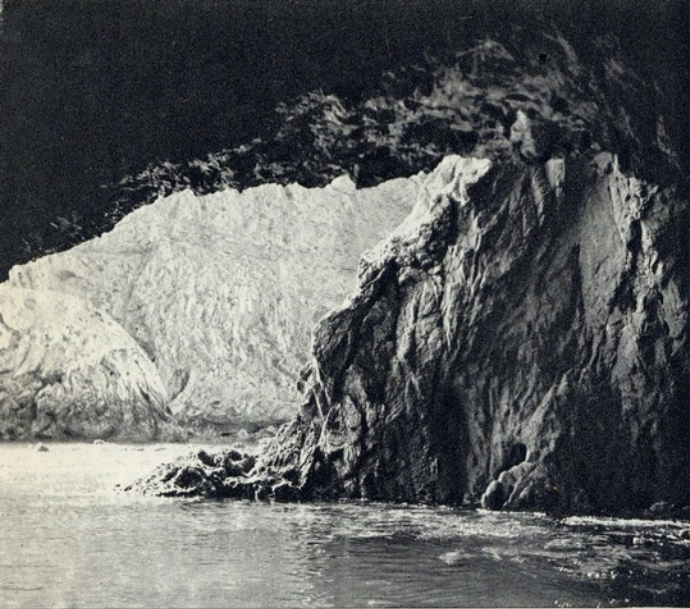
Nessa casa dos Hadley, nos verdes prados dum condado de Inglaterra, poderia ser colocada uma lápide com esta inscrição: «Aqui descobriu os motivos de um nacionalismo literário português um dos maiores espiritos de Portugal».

JOSÉ OSÓRIO DE OLIVEIRA

DIAM — UM DOS VELHOS CASTELOS INGLÊSES, EXPRESSÃO TÍPICA DA LITERATURA ROMÂNTICA DA ÉPOCA







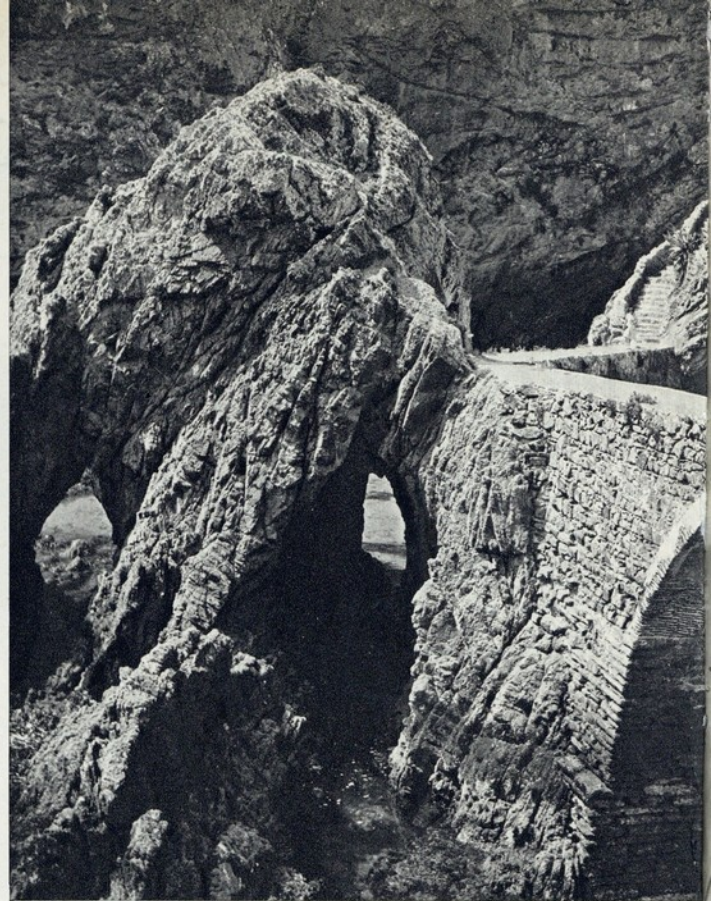
O mar é um grande escultor. Sobre a matéria dura e rude da penedra, éle modela misteriosos baixos-relêvos, onde a visão fantasia formas de inexprimível beleza

## ARQUIPÉLAGO DE BRUMA

O mar ali parece mais profundo nas suas cavernas abissais. Não pára, não dorme! Na sua eterna luta contra a rocha, esta ainda o domina, mas esfacelada, abrupta, quási irreconhecível. Por vezes, levanta-se o perfil bizarro dum rochedo com o seu castelo de proa rasgando espumas alterosas. É a Nau, meio submergida, destroço dum continente ignorado. Outras, uma massa rude, atormentada, em que as falésias ganham relêvos de uma arquitectura trágica que parece escorrer sangue, sangue vivo, humano, que tinge o mar da mesma côr monstruosa de crime e de aflição. Mais ao longe, dispersas num arquipélago desolado, inacessível, roteiro de naufrágios, as Estelas onde o céu derrama uma luz negra e viscosa; a um quarto de milha, o Guilhão bramindo trovoadas entre o espaldar eterno do oceano; e já na fimbria do horizonte, os Farilhões, trémulos, inquietos sob a nebelina, recifes de coral patinados de ouro e nimio, onde os corvos marinhos grasnam sinistros, agoirentos.

A Berlenga, amarrada ao largo, parece um navio fantasma despedaçado. O vento quebrou-lhe os mastros, rasgou-lhe as velas, e tôdas as amuradas caíram desfeitas pela tempestade. Mas há restos de quilha, fragmentos do cavername que permitem reconstituir, geologicamente, êste traço planetário do velho continente. A custo, a nossa visão escala as penedras cortadas a pique, onde as marés rolam, em jactos de vapor, sôbre as quais as asas das gaviotas e dos alciones, papéis rasgados sôltos ao vento, se desprendem subindo a tôda a altura. No ponto mais elevado do ilheu, um altar de ruínas, desolação e vigília. São os restos dum convento de Jerónimos, que ali oraram às estrêlas, na grande catedral do oceano. As lousas mutiladas mal afloram, na penedia requemada pelo fogo plutónico. Lá em baixo, entre escarpas caóticas dum rubro ígneo de cobre martelado pela nortada, uma praia misteriosa, de areias de ouro, onde uma luz cega e silenciosa, vibra num crepúsculo de fim do mundo.

Por um torcículo, áspero e montesino, desce-se até ao forte de S. João Batista, espêsso cubo de tijolo, outrora ninho de águas marinhas contra os corsários, cujos fundamentos assentam na massa vítrea das águas. Vivem ali faroleiros e pescadores, rudes e negros como muges, separados da vida, que há muito embarcaram no grande navio fantasma, e nunca mais acabam a sua rota oceânica, até a morte, até o limiar do outro mundo. De noite, num pincaro que rasga o céu, ilumina-se um cesto de gávea. É o farol, cuja pu-



A Berlenga está cavada de grutas submarinas, onde o sol nunca entra. A água com as suas densas vegetações, torna-se melodiosa tocada pelo vento do largo em arcadas de violino

pila fosforescente devassa a noite inquietante, marcando a senda dos buques naufragados. Por vezes, o grito das sereias confunde-se com o bramido do mar, e as algas com os seus braços voluptuosos e letais, descem, às cavernas submarinas em túmulos de cristal, as equipagens perdidas.

Pode lá haver mais belo destino do que ser marinheiro e morrer no mar!

Outra viagem então começa e essa, sim, jamais acaba, a mil braças do fundo, rumo à Eternidade.

**ARTUR PORTELA**



Um punho cerrado sôbre o Oceano. O velho forte de S. Julião Batista, onde outrora se vigiavam os corsários argelinos e os filibusteiros do Atlântico

(fotografias do prof. Campos Coelho)



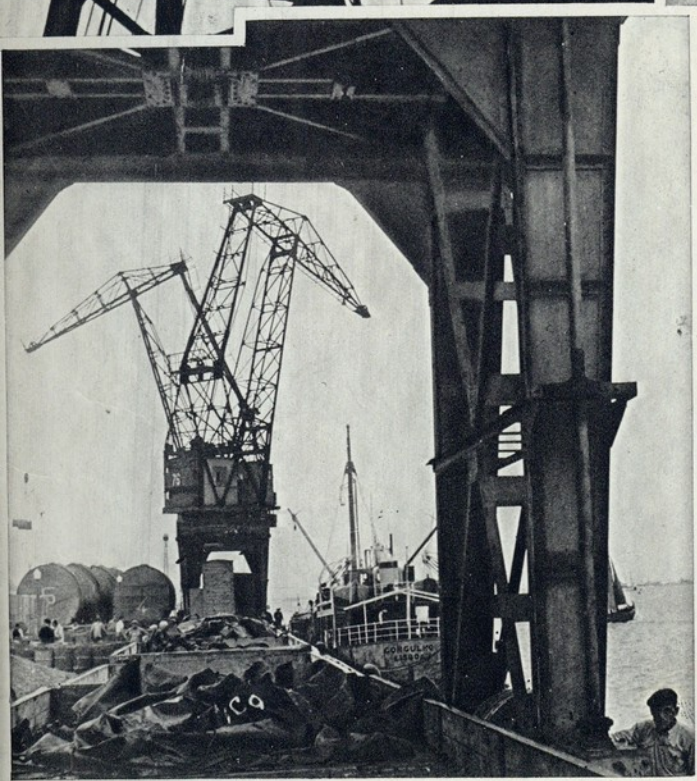


**A POESIA**

**DO  
TEJO**



A Madeira, ilhados amores, envia-nos as mais lindas flores e seus melhores frutos



Os guindastes também têm a sua poesia, uma poesia mecânica que canta a vida febril portos. Com o seu pescoço esguio de girafa esvasia o ventre dos navios carregados de mercadorias que chegam constantemente ao Tejo. O rio fecundo, império do Atlântico, é o génio tutelar da cidade



A arquitectura dêste lugre, com os seus mastros filigranados, num fino crepúsculo de melancolia, evoca-nos os grandes e longínquos cruzeiros à Terra Nova, entre neblinas dormentes e "ice-bergs," talhados em cristal de rocha, nas regiões hiperbóreas do polo



# cinema

## PLANOS DE CONJUNTO

Edward G. Robinson é o grande rival de Paul Muni que deixou a Warner aborrecido com os papéis que lhe ofereciam. Dizia-se cansado dos filmes biográficos e por isso foi substituído pelo grande Robinson. Depois de «A vida mágica do dr. Ehrlich», aquele artista vai fazer «A vida de Freud» e «O Grande Steinmetz». E não será para estranhar que venha a interpretar as figuras de Beethoven e de Nobel — personagens que Muni se negou a viver no cinema.

Voltou a Hollywood Katharine Hepburn para filmar «A Philadelphia Story», peça de Teatro de Phil Barrie que a Metro comprou pela bagatela de duzentos e cinquenta dólares! O interessante é que Kate foi esquecida há cerca de dois anos pelos produtores de Hollywood. Diziam que era um «veneno de bilheteira...» Agora, porém, após um grande êxito no teatro, volta a interessar os homens dos estúdios que não hesitam contratá-la por uma grande fortuna.

A vida escolar em Inglaterra, tão admiravelmente focada em «Adeus, Mr. Chips I», parece fazer carreira. «Tom Brown's School Days» é a versão clássica de uma história de Thomas Hughes sobre o mesmo assunto. Billy Holop, um daqueles rapazes de «Ruas de Nova York» tem importante papel falando durante o filme com notável sotaque inglês. Que mudança para Billy que até agora só falava no mais baixo calão da décima avenida...



KORDA

## ALEXANDER KORDA

### descobridor de talentos

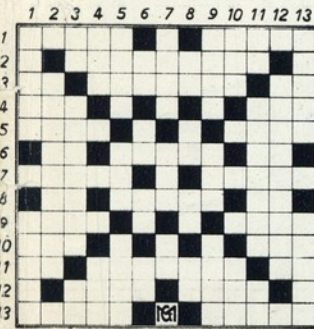
Ao vêr esse filme sério que é «O monte dos Vendavais», ocorreu-me um nome célebre: Alexandre Korda. Foi ele que «descobriu» aquele grande artista chamado Lawrence Olivier, o trágico amante, o sombrio Heathcliffe. Que enorme é a lista das personalidades lançadas pelo homem que desenvolveu a maior campanha em prol do nacionalismo do cinema inglês! A começar por essa pedra de toque na carreira de Korda, que é «Vida privada de Henrique VII» e que revelou Charles Laughton — temos as «descobertas» de Merle Oberon, hoje sua esposa; Robert Donat, magistral protagonista da «Cidadela»; Wendy Barrie, Elsa Lanchester, Ralph Richardson, John Clements, June Duprezie, a grande Elizabeth Bergner.

Também outra estrela da constelação Korda é Vivien Leigh. Esta bela morena é mais um exemplo flagrante da «mão ceifeira» do cérebro director que sabe escolher artistas de futuro. Vivien Leigh tem agora a correr em Nova York o seu grande êxito: «Gone with the wind».

A.



Broadway continua a ser a grande fornecedora de cartas novas para o cinema! Foi ali que os realizadores americanos descobriram, há pouco, Leila Ernest para o principal papel feminino de «Henry Aldrich». Repetiu-se o caso de Patricia Morison, Betty Field, Muriel Angelus e outras



### PROBLEMA N.º 3

#### HORIZONTAIS

1 — Que não deixa atravessar a luz; comer a cela. 2 — Primeiro Ministro inglês. 3 — Alt; poeado no mar (avião); abreviatura de uma unidade de peso. 4 — Flanco; raiva. 5 — Aspero; junta. 6 — Título do soberano da Pérsia; o soberano do 1.º Império do mundo; repara. 7 — Nota infamante; cavidade articular de um osso. 8 — Prepos. e artigo; o último de uma série de seis; sudoeste 9 — Terrestre junto às igrejas; sufixo diminutivo (pl.) 10 — Deusa; oriental. 11 — Caminhar; relevos; entrega. 12 — Antigo ministro da Aeronáutica britânico; ministro da guerra inglês. 13 — Mesa onde se celebra a missa; odor.



### Solução do problema n.º 2

#### VERTICAIS

1 — Barra; una-se. 2 — Novo 1.º Lord do Almirantado inglês. 3 — Antes de Cristo; terminara; letras de «watt». 4 — Infusão medicinal de certas plantas; tritura. 5 — Alômen; direito; texto. 6 — Batráquio aquático; parte em que se amuram as velas do navio; estás; Filho de Amalek, fundador de uma tribo de árabes chamados «aditas». 7 — Medida agrária de alguns países; rei (latim); prefixo árabe. 8 — Existe; iniciais do título da nossa Revista; pron. pessoal; nome de uma letra. 9 — Homem valente; pron. pessoal (latim); proibe. 10 — Azgola; ente. 11 — O mais; ataca com ímpeto; laço apertado. 12 — O presidente da comissão Productora de Material de Guerra Inglês. 13 — Faculmet; retina.



# Garland, Laidley & C.º, Limited

ESTABELECIDOS HÁ MAIS DE UM SÉCULO

Agentes Gerais em Portugal das seguintes Companhias de Navegação:

Blue Star Line	Booth Line
Brocklebank Line	Cunard White Star Line
Furness, Withy & C.º Ltd.	Lampart & Holt Line
United Fruit C.º	Yeoward Line

Tr. do Corpo Santo, 10, 2.º  
LISBOA

R. Infante D. Henrique, 131  
PORTO



## The Liverpool & London & Globe Insurance Co.º Ltd.

Companhia de Seguros Inglesa, estabelecida em Portugal ha cerca de 90 anos.

**"Seguros contra incêndio e outros ramos"**

Agência Geral em Portugal:

10, Travessa do Corpo Santo, 2.º  
Lisboa

Peçam

# Gonzalez - Byass

Vinhos e Aguardentes do Gerez

Vinhos do Porto

Tio Pepe }  
Amorosa }  
A. B. } Gerez  
Nectar }  
Solera 1847 }

3 Copas }  
Soberano } Aguardentes  
Insuperable } Gerezanas

Superior Tawny }  
Special Tawny } Vinhos do Porto  
Port in Sight }  
"54 Port." }

Depositários:

## GARLAND, LAIDLEY & C.º LTD.

10, Travessa do Corpo Santo — LISBOA  
(Telefone 2 3311)

# GUILHERME GRAHAM JÚNIOR & C.º

R. dos Fanqueiros, 7  
LISBOA

Rua dos Clérigos, 6  
PORTO

DATA DA FUNDAÇÃO 1808

DATA DA FUNDAÇÃO 1822

Fábrica da Boa Vista: Tecidos e Branqueação  
Fábrica de Braço de Prata: Estamparia, Tinturaria, etc.  
Fábrica da Abelheira: Papéis e Cartolinas

OS ARTIGOS FABRICADOS NAS NOSSAS FÁBRICAS ENCONTRAM-SE EM EXPOSIÇÃO NO NOSSO PAVILHÃO NO BAIRRO COMERCIAL E INDUSTRIAL DA EXPOSIÇÃO HISTÓRICA DO MUNDO PORTUGUÊS



Agentes em Portugal e Colónias para o Vinho do Porto **GRAHAM** da firma G.ª e **JOÃO GRAHAM & C.ª**, de Vila. Nova de Gaia

# A VOZ DE LONDRES

Os novos horários e os comprimentos de onda dos noticiários da B. B. C., em português e em francês, são os seguintes:

### EM LÍNGUA PORTUGUESA

Hora de Lisboa	Ondas médias	Ondas curtas
12,15 ...	—	49,59 m. 25,38 m. 25,29 m. 19,76 m.
21,00 ...	—	19,82 m.
21,35 ...	285,7 m. 261,1 m. ...	49,59 m. 31,55 m. 30,96 m.
24,00 ...	373,1 m. 285,7 m. 261,1 m. ...	49,59 m.

### EM LÍNGUA FRANCESA

Hora de Lisboa	Ondas médias	Ondas curtas
5,15 ...	373,1 m. 285,7 m. 261,1 m. ...	49,59 m.
11,15 ...	373,1 m.	49,59 m. 41,49 m. 25,38 m. 25,29 m.
17,15 ...	373,1 m.	49,59 m. 41,49 m. 30,96 m.
19,15 ...	285,7 m. 261,1 m.	49,59 m. 30,96 m.
21,00 ...	285,7 m. 261,1 m.	49,59 m. 31,55 m. 30,96 m.
21,45 ...	—	31,32 m. 31,25 m. 19,82 m. 19,66 m.
23,45 ...	373,1 m. 285,7 m. 261,1 m. ...	49,59 m.

# MUNDO GRÁFICO

Revista de actualidades nacionais e internacionais

### ASSINATURAS

12 números 18\$00

24 números 36\$00

Pedidos à Administração:

Rua de S. Nicolau, 119-3.º Telef. 2 5240

LIS



# MUNDO GRÁFICO



O cérebro  
e coração  
de um "Spitfire".  
É o tenente X,  
piloto de caça  
da R. A. F.